

MARTINS, José Pedro. A transformação no Bosque dos Jequitibás. Correio Popular, Campinas, 14 jul. 2002.

# A transformação no Bosque dos Jequitibás

**U**ma das áreas verdes mais conhecidas e queridas pela população de Campinas, o Bosque dos Jequitibás está perto de passar por grandes transformações. Alguns animais hoje abrigados no zoológico sairão do local e serão transferidos para o Lago do Café, ao lado da Lagoa do Taquaral. Outras medidas serão tomadas, segundo o diretor do Departamento de Parques e Jardins (DPJ) da Prefeitura, Ari Vieira de Paiva, com o objetivo de adaptação à moderna concepção de zoológico como espaço de preservação de espécies e educação ambiental.

No final do ano passado, o zoológico foi visitado por uma equipe de técnicos do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis (Ibama), que constatou a inadequação das instalações.

O Ibama estipulou um prazo para adequação às normas técnicas que deverão orientar a manutenção dos animais nos recintos.

A avaliação ainda não está concluída, mas preliminarmente Paiva entende que os hipopótamos estão entre os animais que podem ser transferidos para um espaço do Lago do Café, ainda não definido. O diretor do DPJ nota que o projeto arquitetônico do zoológico não previu a existência de um espaço para o manejo dos animais.

Como parte da visão mais atual dos zoológicos, o diretor do DPJ sublinha que medidas serão tomadas para garantir a regeneração e proteção da área de mata nativa – também muito degradada – que caracteriza o Bosque dos Jequitibás. Com 101.031 metros quadrados, o Bosque é uma das poucas áreas de mata nativa encravadas dentro da mancha urbana de Campinas.

O diretor do DPJ destaca que a Prefeitura está procurando parcerias para garantir as

reformas e manutenção, por exemplo através da adoção de recintos de animais ou outras áreas pela iniciativa privada.

A estrutura do DPJ, lamenta Paiva, foi muito sucateada nas últimas administrações. Em 1974, quando o órgão foi criado e Campinas tinha pouco mais de 400 mil habitantes, o DPJ segundo o atual diretor contava com 610 funcionários. Hoje, quando a cidade está próxima de contar o seu primeiro milhão de habitantes, o DPJ conta com 370 funcionários. É esta a equipe que a Prefeitura destina para a manutenção, entre outros espaços, de 1500 praças urbanizadas, das 4 mil existentes na área urbana.

O Bosque dos Jequitibás recebeu esse nome pela presença de jequitibás que alcançavam até 62 metros de altura e 24 de diâmetro. No final do século 19 o Bosque era propriedade de Francisco Bueno de Miranda, conhecido como Bueninho. O lugar se transformou em um dos preferidos para o lazer da elite campineira.

A área do Bosque foi comprada em 1915 pelo Município, na gestão de Heitor Penteado. A operação foi feita por 100 contos de réis. O Bosque dos Jequitibás continuou sendo a maior área verde urbanizada de Campinas, aberta ao público, até a inauguração a 5 de novembro de 1972 do Parque Portugal, que ficou mais conhecido como Lagoa do Taquaral.

O Parque Portugal foi instalado em uma área doada ao Município na década de 1940, por uma empresa que loteou grande parte do Taquaral, onde originalmente estava localizada a sesmaria de Francisco Barreto Leme, o fundador oficial de Campinas. Com 638 mil metros quadrados (165 mil m<sup>2</sup> só da Lagoa “Isaura Telles de Lima”), o Taquaral transformou-se em um dos cartões postais de Campinas.



S 22°54'495"  
W 047°03'071"

Bosque dos Jequitibás: medidas de regeneração do recorte da mata atlântica